

## Uma nova configuração na literatura infantil brasileira: o discurso de e sobre a homoafetividade e a família homoparental

Prof. Dr. Antonio de Pádua Dias da SILVA<sup>1</sup> (UEPB)

### **Resumo:**

*O objetivo da discussão entabulada nesse texto é problematizar a atual literatura infantil brasileira, comparada a outras narrativas estrangeiras – de origem norteamericana, espanhola e equatoriana – e as relações que ela vem estabelecendo com questões relacionadas aos sujeitos homoafetivos e ao novo romance familiar engendrado nas e pelas sociedades ocidentais de hoje, quando priorizam também o modelo homoparental de família, seja do ponto de vista legal ou da experiência. Estudamos a linguagem dos narradores, as atitudes das personagens, a faixa etária a que se destina o texto para, numa dinâmica comparatista, perceber o fator língua dominante, num dado momento histórico, como forte categoria capaz de influenciar outras culturas nas produções literárias particulares, vez que a lógica de representação de temas polêmicos parecem veicular sem fortes traumas nas produções literárias de culturas democráticas e dominantes.*

**Palavras-chave:** literatura infantil, homoafetividade, homoparentalidade, comparação.

### **Da necessidade de discutir as novas configurações parentais**

As sociedades de hoje vêm surgir um fato que não é tão novo nas histórias das culturas: normas e valores que regulam os laços de parentalidade, sejam através de processos consanguíneos ou através de escolhas por partes dos envolvidos nesses processos, a saber, parentes ou adotantes (NAPHY, 2006). No caso do Brasil, as configurações familiares, de parentesco e as subjetividades apenas difícil e tardiamente conseguem encontrar lócus na agenda dos temas polêmicos. Questões de ordem moral (ROMERO, 1967) é o grande desafio a ser vencido para se poder discutir com mais racionalidade aspectos culturais e legais da situação a que nos propomos discutir: o surgimento do “sujeito” homoafetivo (ao longo de um século, termos como homossexual, uranista, sodomita, gay, homoerótico, queer, transgênero, bissexual e outros foram sendo testados para melhor dizer do/sobre sujeitos da “espécie” homo, conforme já apontou Foulcault, 1980), suas relações afetivas com o outro do mesmo sexo e as novas relações de parentescos que emergem nas atuais sociedades ocidentais e ganham representações em vários discursos pela importância que se mostram como elementos também reguladores da ordem cultural nos dias de hoje.

Há década que pesquisadores da área de literatura brasileira vêm enfrentando uma situação que tem polemizado os estudos feitos na área: a eclosão, embora tardia e timidamente, da emergência do tema da homoafetividade na literatura infanto-juvenil. Se há resistência por parte dos que produzem discursos sobre o texto literário para crianças no que tange à reflexão de aspectos da homoafetividade nesse “gênero literário”, deve-se transformar numa celeuma, brevemente, o caso

de duas obras publicadas em fins de 2010, a saber, *Meus dois pais* de Walcyr Carrasco, e *Olívia tem dois papais* de Márcia Leite. A babel discursiva orbita em torno das obras que já vinham rendendo polêmicas: *O gato que gostava de cenoura* (1999) de Rubem Alves, *Menino ama menino* (2000) de Marilene Godinho, *O menino que brincava de ser* (1986) de Georgina da Costa Martins, *O amor não escolhe sexo* (1996) de Giselda Laporta Nicolelis, dentre outras obras de mesma temática. O objetivo do ensaio é discutir as novas histórias que estão sendo contadas, pela literatura infantil brasileira, sobre propostas pós-estruturalistas da sexualidade hegemônica, da família heteroparental, do sujeito heterossexual. É evidente que essa forma binária de apresentar a proposta, de natureza didática, não corrobora a noção bipolar e negativista para aquele se seria, no interior da lógica a que faço referência, o lado menor da relação, mas não há, no momento, uma forma um tanto *queer* de introduzir o assunto sem essas noções preliminares e binaristas tão negadas por parcela de pesquisadores dos estudos gays e lésbicos.

Centramos nossa discussão em narrativas literárias infantis escritas em língua portuguesa (as já citadas, exceção feita às obras de Giselda Laporta Nicolelis e de Marilene Godinho por serem destinadas ao público juvenil), em língua inglesa (*The sissy duckling*, *And Tango makes three*, *King & King*) e língua espanhola (*Ito*, *Marta y la sirena*, *El viejo coche*), em cujas personagens os modelos de sujeito do desejo, família e sexualidade se tornam mais frouxos ou alargados (nas obras das culturas estrangeiras), quando comparadas àquelas escritas em língua portuguesa do Brasil. O paralelo não objetiva estabelecer juízos de valor ao texto (embora o trabalho do crítico não se furte ao argumento dessa relação), tão somente, por comparação, perceber que a temática é universal, com um maior número de publicação de obras com a temática homoafetiva em língua inglesa; e no Brasil, país bastante diverso em sua macro-estrutura cultural, ainda se resiste quanto aos novos sentidos que o gênero literário infantil brasileiro vem dando às questões de ordem do gênero e da sexualidade, apontando especificamente para a construção de sujeitos homoafetivos convivendo na diversidade, e para as novas parcerias ou uniões civis que refletem também, numa proporção indireta do tema, a formação de novos lares e famílias sob a ordem homoparental. Espera-se que a discussão gerada pela e na literatura traga contribuições para o campo dos estudos literários que ainda se ressentem da negação da literatura de temática gay no contexto de Brasil, especificamente no gênero infanto-juvenil (FACCO, 2009).

O propósito da comparação é perceber o grau de envolvimento do escritor, através dos seus narradores ou personagens, quando discutem essas questões. Problematicar, de uma perspectiva estéticopolítica, o fator cultura/língua que, quando interfere nas configurações homoafetivas e homoparentais, se torna importante objeto de estudo, porque, acreditamos, os locais de onde falamos determinam bastante o que somos, como nos vemos e como vemos o outro. A língua como

primeiro fator interveniente de quaisquer culturas determina as diretrizes que tornam os temas polêmicos nas sociedades, isso porque é através desse sistema cultural que os sujeitos se comunicam, produzem discursos, registram as leis e a ciência, reelaboram sistematicamente a ordem das coisas no mundo. Evidentemente que uma cultura hegemônica só assim o é em razão da língua que se assenhora dos domínios de outros locais, de outras comunidades, que interfere em outras culturas; a língua de uma cultura forte transmite leis, acordos, ciência, arte, tecnologia que se espalham por vários recantos, tornando-se uma espécie de língua geral, não uma segunda língua (nas culturas locais é assim que entendemos), mas uma língua geral dos negócios, das artes, das tecnologias (a língua livre no mundo globalizado).

Não é novidade que as duas línguas comerciais hoje são a inglesa e a espanhola: por abrangerem continentes, por ter um número maior de falantes não nativos, e consequentemente por questões de ordem de domínios e expansão territorial, mesmo que essa expansão seja simbólica e não aplicada diretamente aos sujeitos nos processos de aculturação (RAMA, 1975). O modelo capitalista de sociedade espalhado e espelhado pelo mundo, considerando-se o acúmulo de bens materiais, culturais e simbólicos transmitidos e deglutidos pelas culturas gerais, continua sendo o inglês, por mais que o modelo também globalizante redefine regiões comerciais e linguísticas, a exemplo da parcela hispânica, portuguesa, chinesa, por exemplo. É evidente que os grandes blocos ou eixos comerciais exportam idéias, tecnologias, mas a língua de circulação mundial e dominante em quase todas as esferas de poder, educação, ciência e negócios, não podemos deixar de considerar, é a inglesa e isso nos possibilita perceber o valor que tem uma cultura dominante, a depender do regime político em que ela se embasa, no momento em que questões polêmicas atravessam o mundo, pela língua de maior domínio, interferindo, de certa forma, nas esferas culturais de outras localidades. Para a cultura brasileira o modelo (cultural) inglês (mais especificamente o norteamericano) de pensar novas configurações parentais interfere na forma de sentir as questões relacionadas aos problemas de gênero, sexualidades, masculinidades, feminilidades, parentalidades.

### **Narrando as narrativas**

Por mais que a história da amizade homoafetiva na tradição masculina seja tão antiga quanto o registro literário dos desejos humanos, é recente, nas sociedades ocidentais, as configurações homoafetivas na literatura destinada ao público infantil. Quando chamamos público infantil, não há, de nossa parte, nenhuma reação preconceituosa ao termo, à autoria, bem como não tratamos como menor a literatura que, para efeitos didáticos, foi arrolada em um gênero e continua

sendo lida como tal. Outro critério considerado nessa lógica da *literatura infantil* diz respeito à faixa etária a qual se destina a obra. É bem verdade que, em princípio, nenhuma literatura é feita para grupos etários. A literatura eroticopornográfica, nesse contexto, a depender não só da moral, mas, sobretudo, do momento em que o sujeito se encontra com a capacidade cognitiva de entender, absorver e problematizar a temática, é restrita a públicos maiores (de idade) ou mais maduros. Mas há editoras que preferem, também didaticamente, orientar ou indicar a faixa etária da leitura. Geralmente livros adotados por escolas são vendidos em seus catálogos para séries especificamente relacionadas à faixa etária de seu público. A obra *Ito* (já citada) traz na contracapa a seguinte orientação: “A partir de los 11 años”; na contracapa de *The sissy duckling* lemos: “Age 5-8”. Na orelha esquerda do livro *And Tango makes three* lê-se o seguinte: “Age 4-8”. Já a obra de origem holandesa *King & King* chama a atenção para o público leitor: “[...] sure to woo readers of any age”. As narrativas brasileiras com as quais trabalhamos, neste momento, não tem nenhuma indicação etária, embora os elementos constitutivos do enredo (personagens crianças, universo infantil, questões de infância, imagens e cores se sobrepondo ao texto gráfico), por comparação, analogia, semelhança nos faça colocar no mesmo rol do que chamamos de literatura infantil.

Em *O gato que gostava de cenoura* há toda uma elaboração da temática homoafetiva sendo discutida de forma metaforizada. Em vários momentos em que me propus a discutir essa obra não tive uma boa recepção do público que me ouvia, porque argumentava não haver relações entre a personagem Gulliver, o gato cujo hábito alimentar relativo à sua espécie (carnívoro, caçador) tinha sido alterado em razão de uma dieta fora do padrão comum: vegetariano. Diziam que a *diferença* é o marcador sobre o qual a estória é construída. Na verdade, a proposição é verdadeira, em parte. A *diferença* do sujeito é o que marca essa narrativa, todavia não se trata de uma diferença qualquer: estamos lidando com a *diferença sexual* ou de orientação sexual, fato que reconfigura toda a discussão em torno das alteridades. Em uma cultura de base machista e masculinista como a nossa soa bastante “diferente” abordar a diferença relacionada a pessoas necessitadas de cuidado especial (portadores da Síndrome de Dawn por exemplo) e as pessoas que não necessitam de nenhum cuidado especial, mas se comportam intimamente, no que tange às formas de se relacionar com o outro e com o seu desejo, diferente dos que se consideram “normais” dentro da ordem. A diferença sexual, no contexto moralístico e religioso como é no Brasil, faz bastante diferença.

Em *O gato que gostava de cenoura*, para não alongar minhas considerações, percebemos que todo o sofrimento de ordem moral atinge primeiramente os pais de Gulliver, e posteriormente é que este, receptor direto das frustrações paternas e do lar, da sociedade dos iguais, passa a sofrer não **por si**, mas **em si** os preconceitos e discriminações que sujeitos homoafetivos ainda sofrem em sociedades como a em que é representado. O mesmo acontece com Dudu de *O menino que brincava*

de ser. A personagem central, Dudu, envolvido numa atmosfera colorida (o arcoíris e suas significações culturais é emblema constante nessas duas obras), é desrespeitada no seu querer ser outro (menina). Os pais, primeiramente, passam a sofrer antecipadamente a “desmoralização” pelo comportamento “desviado” da ordem pelo filho. Em Rubem Alves a homoafetividade aparece na metáfora do gosto alimentar ser transferido para outro campo; em Georgina Martins é a máscara do jogo teatral e o atravessar o arcoíris que dão a tônica à discussão da questão homoafetiva.

Obras como as duas citadas são permeadas de aspectos denotadores de preconceitos da cultura a que fazem referencia. Dudu, por exemplo, deveria gostar de jogar bola como todo menino (heterossexual). Gulliver deveria fazer jus ao nome que o agigantaria, se gostasse de caçar, matar pássaros e comer carne, ao invés de ser comparado a um coelho e gostar de cenoura – Naphy (2006) aponta que animal como o coelho, na cultura grega arcaica, era um tipo de presente dado pelo **erastes** ao **erômanos**, uma vez que esse animal significava, nessa lógica, uma ligação íntima entre ambos, porque, naquele momento, o homem grego via basicamente no coelho o animal que praticava o coito anal. Ito (2008), obra do equatoriano Luis Delgado, discute a homoafetividade masculina, mas calcada também em preconceitos. A obra inicia-se da seguinte forma:

Ito tiene obsesión por las telas, las artistas famosas y los colores. Quizás por esto último, sus ojos, a veces son verdes y otras, miel.

Su gusto por las telas, las artistas famosas y los colores es tal que Ito prefiere entretenerse recortando vestidos en papel de regalo o brillo para las fotos de sus cantantes preferidas que irse a jugar pelota con los demais muchachos. Ito es delicado y fino de naturaleza, y bueno, tal vez demasiado bueno. (DELGADO, 2008, p. 7)

Diferentemente das obras brasileiras, esta obra incide suas configurações sobre um personagem menino (Dudu é um garoto, mas Gulliver é um gato, assim como Bingo de *É proibido miar* de Pedro Bandeira, é um cachorro. Em *The sissy duckling* temos um pato, e em *And Tango makes three* as personagens são pinguins) que enfrenta problemas de orientação afetiva, uma vez que o narrador da obra constrói toda a história a partir de preconceitos bastantes estereotipados nas culturas latinoamericanas: Ito não gosta de futebol, não namora meninas, não é valente, gosta de desenhar, de recortar vestidos, é fã de cantoras, nutre amizade íntima com garotas, confundindo o “seu” universo masculino com o feminino. É evidente que o preconceito e a discriminação acompanham essas obras, até porque, cremos, um escritor ensaiar, nesse momento de saída do armário das subjetividades gays e lésbicas, relacionamentos com o famoso *happy end* (como ocorre em *King & King*) seria por demais artificial ou falso (embora admitamos que em *King & King* não há artificialismo, mas tão somente uma releitura – parodística, pode se dizer – em tom gay, do conto clássico de amor).

O momento não é de construir contos de fadas homoafetivos, mas de tornar visível o

universo ou a cultura homoafetiva como mais uma esfera do cotidiano das pessoas com suas dores, trabalhos, anseios, angústias, frustrações e toda a carga de preconceito que os diferentes, principalmente os diferentes sexuais, enfrentam no seu dia a dia. Em *The sissy duckling* a construção do enredo acompanha a mesma lógica da narrativa *Ito*: Elmer é um patinho diferente, porque “He loved to build things and paint pictures and play make-believe. He also enjoyed helping around the house and was especially fond of decorating cookies” (FIERSTEIN, p. 8). Como se vê, mesmo pertencendo a culturas distintas, as obras apresentam pontos em comuns que tratam dos modelos de masculinidades impingidos às crianças em processo de formação, às crianças masculinas.

As narrativas aqui “narradas”, embora abordem a homoafetividade em sua estrutura, a trabalham na perspectiva da lógica padrão e comum à maioria dos sujeitos que servem como referentes para as representações. O modelo masculinista é o adotado para problematizar o sentimento homoafetivo que não encontra pontos de contato ou não adere à lógica geral. Em *Marta y la sirena* a estória adquire uma outra feição: a menina Marta, depois de crescida, encontra a sereia, com quem dialoga, depois de terem percebido que a amizade entre ambas ultrapassava os limites da pura amizade:

A partir de esse momento se vieron más a menudo. Tenían largas conversaciones, se contaban historias, cantaban...y hasta nadaban juntas. Marta, poco a poco, también fue sintiendo algo muy especial por la sirena...se estaba enamorando de Ella. El tiempo fue pasando y un día se dieron cuenta de que querían vivir como lo hacen las familias humanas...(GUERRERO, 2008, p. 16)

Observe que essa narrativa, construída no mesmo estilo que as anteriormente citadas, elaborada para um mesmo público, uma mesma faixa etária, e sem estereotipar personagem e comportamento, traz à tona a abordagem do relacionamento homoafetivo entre garotas, expressando o desejo dos sujeitos sem as máscaras metafóricas, sem as construções eufêmicas muitas vezes prejudiciais à leitura como ocorre nas duas obras brasileiras: *O gato que gostava de cenoura* e *O menino que brincava de ser*. Essa abordagem me faz crer que o sistema lingüístico e a cultura representada favorecem a adoção de posturas mais ousadas frente às polêmicas que vemos enfrentando nas últimas décadas. Essa mesma representação ocorre na obra *El viejo coche*, onde lemos:

Caía la noche y, felices como estaban, quedaron encantados viendo cómo se escondía el sol detrás de las montañas. Fue un momento mágico. Los dos amigos se miraron a los ojos y vieron que lo que sentían era algo más que amistad. Sin pensárselo dos veces, juntaron sus labios y se dieron el beso más largo y tierno de la historia de su ciudad. (GUERRERO, 2008, p. 14)

A representação homoafetiva, nessa obra, se distancia, inclusive, de uma lista de obras literárias escritas “para adulto” e que, na formulação interna das narrativas, os escritores, através de seus narradores, não conseguiram tornar mais real a relação amorosa entre os pares de um mesmo sexo, conjecturando, através de artifícios, arremedos ou metáforas a relação de afeto e desejo sentida por personagens homoafetivas. Percebemos, dessa forma, um ganho cultural, político, literário, pois a estética, nesse momento, se presta às questões de ordem política e de militância por direitos dos sujeitos cuja subjetividade se inscreve na ordem homoafetiva.

As obras mais radicais na representação do amor homoafetivo, de acordo com o corpus selecionado para esse artigo, desenvolvem a relação afetivo-amorosa de forma mais madura, estendendo-se o leque de problematização da questão, ampliando-se, dessa forma, valores como família, parentalidade. Não é à toa que uma obra como *King & King*, uma tradução holandesa (*Koning and Koning*) para o inglês, é levada às escolas do ensino infantil da Grã-Bretanha pela seriedade do conto de fadas moderno. A história de um príncipe que precisa arranjar uma princesa para casar e, assim, poder reinar no lugar da mãe que já se encontra cansada da coroa, acontece em meio ao deslocamento da ordem que sai da “heterossexual” para a homoafetiva. O príncipe se apaixona pelo irmão de uma de suas pretendentes. Acompanhemos a sequência de fala apresentada pelo narrador:

There is one more princess. Ahem! Presenting Princess Madeleine and her brother Prince Lee. At last, the Prince felt a stir in his heart. It was love at first sight. What a wonderful Prince! What a wonderful Prince! [...] The two princes are now as King and King, the Queen finally has some time for herself. And everyone lives happily ever after. (HANN & NIJLAND, 2000, p. 25-35)

Na obra *And Tango makes three* temos, nesse elenco de obras escritas em língua inglesa, a história de um casal de pinguins macho – Roy e Silo – que vivia solitariamente em um zoológico do Central Park. A solidão se configurava não por estarem só, uma vez que formavam um casal, mas pela ausência de um filhote que pudesse fazê-los, naquela lógica, constituir uma família como todos os animais e as pessoas que freqüentavam o zoológico. O enredo possibilita a adoção pelo casal de um ovo abandonado do qual nasce Tango que foi “The very first penguin in the zoo to have a two daddies” (RICHARDSON & PARNELL, 2000, p. 27).

O posicionamento estéticopolítico adotado nesse enredo nos remete a fatores de ordem linguísticocultural tão importantes que seria considerado imaturo deixar de falar nesse aspecto: a comparação entre obras de sistemas linguísticocultural distintos nos mostra o quanto uma língua forte interfere na interpretação, na representação de temas polêmicos que, uma vez levados para a ficção, são redimensionados e fortalecem, de certa forma, políticas públicas em favor dos sujeitos

representados. As obras infantis que abordam a homoafetividade, principalmente as de língua inglesa, primam pela representação fora dos estereótipos cimentados no inconsciente coletivo ocidental acerca das relações de gêneros e das performances sexuais. As obras escritas em língua espanhola seguem o viés adotado pelos escritores dessa língua global. As obras escritas em língua portuguesa não configuram a maturidade que, em princípio, as narrativas estrangeiras nos indicam ter – talvez questões de ordem do desejo, individual e coletivo, perpassem as representações literárias de assuntos polêmicos, talvez até a formação políticoideológica do autor impregne a sua produção ficcional. Há de se pensar que no universo gay como um modo de vida, apenas uma pequena parcela desses sujeitos reivindicam a união estável entre si, valores como família e fidelidade entre parceiros. A não representação talvez seja sintoma dessa situação.

Numa primeira visada, parece ainda estarmos em um estágio aquém da situação: o do conhecimento da temática, o do reconhecimento do tema, o da discussão primária do que venha a ser o homoafetivo em sociedade. O preconceito contra homoafetivos, é evidente, existe em todas as culturas, todavia há comunidades culturais cujas estruturas sociais neutralizam a existência, a saída do armário, o reconhecimento, a tolerância, o respeito à diversidade sexual, aos comportamentos de sujeitos que se orientam afetiva e sexualmente para o outro do mesmo sexo.

### **Sobre o eixo discursivo em que se move a questão**

As “narrativas narradas” explicitam um contexto discursivo através do qual o leitor percebe o valor que cada língua/cultura estabelece para problematizar questões polêmicas como as representações de gênero e de sexualidades. Fica patente a incipiente discussão e formação de um pensamento mais igualitário e longe dos preconceitos cimentados culturalmente em contexto de Brasil, ao mesmo tempo em que a mesma discussão, veiculada através de dois grandes outros sistemas lingüísticos – o inglês e o espanhol –, denotam um **grau de maturidade** e de revalorização de aspectos culturais quanto aos papéis de homens e mulheres nas sociedades (que desembocam nas masculinidades e feminilidades contemporâneas).

Isso não significa dizer que a literatura infantil brasileira de temática homoafetiva é menor ou de menos prestígio, quando comparadas com o mesmo gênero literário das demais culturas em relação. Pelo contrário, percebemos um grande avanço na sociedade brasileira, nesse aspecto, principalmente porque sabemos que as estruturas sociais e culturas de nosso País foram sedimentadas em fortes bases morais e éticoreligiosas. Problematicar a “questão gay” no gênero literário infantil (não podemos esquecer também o gênero juvenil que aborda a mesma questão) é razão de se comemorar, principalmente porque recentemente, no País, vivenciamos a aprovação da



união civil entre pessoas do mesmo sexo, fato que reforça ainda mais a propositura dessa representação literária, uma vez que, a partir de então, obras literárias poderão ser construídas abordando esse novo contexto, ressignificando, na estrutura interna das obras, o valor família como já ocorreu, antes mesmo da aprovação dessa lei, com as obras *Olívia tem dois papais* de Márcia Leite e *Meus dois pais* de Walcyr Carrasco, ambas de 2010.

O fato de as culturas de língua inglesa e espanhola tornarem mais realista a questão, quando levadas para a ficção infantil, demonstra uma **maturidade cultural e social**, um maior valor ao sujeito humano e aos direitos de cada um no seu estar no mundo. Evidencia-se, dessa forma, um acúmulo de experiência nos Estados Unidos (também na Grã-Bretanha, Holanda) e na Espanha (e na Argentina) no que tange à problematização da questão em pauta, na tradição de militância pelos direitos à diversidade sexual, contra a homofobia, a favor do respeito, tolerância e união civil entre parceiros do mesmo sexo. Países de língua portuguesa não têm essa tradição. Portugal aprova a união civil entre homoafetivos antes do Brasil, mas as lutas internas, as estratégias discriminatórias e as práticas preconceituosas são tão evidentes quanto no Brasil (parece ser um mal da língua/cultura portuguesa esse pregão discriminatório baseado em pressupostos morais alicerçados em valores cristãos).

Se através de um sistema linguísticocultural forte e influenciador, se através de uma cultura ainda imberbe quanto ao aprofundamento de questões polêmicas envolvendo seus sujeitos, um fato é evidente: as culturas estão se manifestando sobre as novas configurações de sujeitos, sobre os valores antes postos como fixos e agora redefinidos em razão de outras experiências e existência de sujeitos que contrariam a norma hegemônica que insiste em querer ser homogênea. As obras literárias brasileiras precisam entrar no acordo ou pacto mundial que é a defesa dos direitos de todos. As representações literárias procuram promover discursos que sejam orientados para essa percepção. Embora timidamente, percebemos o quanto a questão está sendo discutida e o quanto ainda desconhecemos a nossa própria literatura, pois enquanto discuto aqui uma espécie de atraso na representação literária infantil no que tange à homoafetividade, há leitores (professores universitário, dos ensino médio e fundamental, bem como alunos e leitores em geral de todos os níveis escolares) que jamais leram ou ficaram sabendo da existência da literatura infantil brasileira que tem se ocupado do tema da homoafetividade, fosse para manter estereótipos e preconceitos, fosse para problematizar a questão do outro (sexual) em nossa cultura.

Dessa forma, acreditamos estar contribuindo para o alargamento da questão, para as discussões, pela literatura, sobre a função dessa instituição que, uma vez produzida para jovens leitores, também tem se ocupado de questões não apenas de ordem do **prazer de ler**, mas priorizando, também, as questões sociais e mais realistas (menos mágicas) de nosso universo

empírico, ajudando, de certa forma, os leitores mirins a compreenderem, nos limites de sua percepção cognitiva, valores que fazem parte de sua geração e pelos quais serão educados: liberdade, respeito, tratamento igual, tolerância às diferenças e aos diferentes, diversidade.

## **Referências Bibliográficas**

- 1] ALVES, Rubem. *O gato que gostava de cenoura*. São Paulo: Loyola, 1999.
- 2] CARRASCO, Walcyr. *Meus dois pais*. São Paulo: Ática, 2010.
- 3] DELGADO, Luis Cabrera. *Ito*. Quito: Grupo Editorial Norma S.A., 2008.
- 4] FACCO, Lúcia. *Era uma vez um casal diferente* – a temática homossexual na educação literária infanto-juvenil. São Paulo: Summus, 2009.
- 5] FIERSTEIN, Harvey. *The sissy duckling*. New York: Simons & Schuster books for young readers, 2002.
- 6] GUERRERO, M. Luisa. *El viejo coche*. Barcelona: ONG por la **no** discriminación, 2008.
- 7] GUERRERO, M. Luisa. *Marta y la sirena*. Barcelona: ONG por la **no** discriminación, 2008.
- 8] HANN, Linda de; NIJLAND, Stern. *King & King*. Berkeley: Tricycle Press, 2000.
- 9] LEITE, Márcia. *Olivia tem dois papais*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2010.
- 10] MARTINS, Georgina da Costa. *O menino que brincava de ser*. 2. ed. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2000.
- 11] NAPHY, William. *Born to be gay. história da homossexualidade*. Trad. Jaime Araujo. Lisboa: Edições 70, 2006.
- 12] NICOLELIS, Giselda Laporta. *O amor não escolhe sexo*. São Paulo: Moderna, 1997.
- 13] RAMA, Ángel. Transculturação na narrativa latinoamericana. In: *Cadernos de Opinião*. Rio de Janeiro, 1975, p. 74-77.
- 14] RICHARDSON, Justin; PARNELL, Peter. *And Tango makes three*. New York: Simons & Schuster books for young readers, 2005.
- 15] ROMERO, Abelardo. *Origem da imoralidade no Brasil* – história da formação do caráter nacional. Rio de Janeiro: Conquista, 1967.

---

## **iAutor(es)**

Antonio de Pádua Dias da SILVA, Doutor em Literatura Brasileira.  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)  
Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade  
magister.padua@hotmail.com